

O PROCESSO DE ADAPTAÇÃO ESCOLAR DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

JULIANA DOS SANTOS MARTINS¹; SÍGLIA PIMENTEL HÖHER CAMARGO²

¹Universidade Federal de Pelotas – juh_1.msn@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – sigliahoher@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

A adaptação escolar configura-se como o ingresso das crianças na escola, seja pela primeira vez ou após as férias e períodos de afastamento, ocorrendo geralmente na educação infantil e marcado por diversos desafios para os estudantes, suas famílias e professores, uma vez que a criança precisa lidar com ambientes, pessoas e situações desconhecidas (SANTOS; CENCI, 2018).

Entende-se que a adaptação escolar é um processo, no qual cada estudante irá se comportar de uma forma, demandando um tempo específico para adaptar-se no ambiente escolar. Além disso, são estes primeiros contatos que poderão ser facilitadores para a aprendizagem e desenvolvimento da criança na escola, por isso é importante que este momento seja planejado afim de formar e estabelecer vínculos positivos entre os envolvidos (SANTOS; CENCI, 2018).

Acredita-se que para crianças com alguma deficiência este processo pode tornar-se ainda mais conturbado, considerando suas especificidades e falta de formação inicial e continuada dos professores para encontrar práticas que contribuem para a inclusão de estudantes com deficiências (SANTOS; CENCI, 2018).

A inclusão escolar de crianças com deficiências, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação (público-alvo da educação especial) está prevista em diversas políticas públicas, principalmente a partir da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva em 2008 que objetivou garantir o acesso, a participação e aprendizagem destes estudantes. Desde então, outras políticas públicas tem sido sancionadas assegurando este direito, como a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência ou Estatuto da Pessoa com Deficiência (BRASIL, 2008; 2015).

Este estudo irá abordar especificamente sobre a adaptação escolar de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), que apresentam déficits nas áreas de comunicação e interação e a presença de padrões de comportamentos restritos, repetitivos e estereotipados (APA, 2013). Por isso, o objetivo deste trabalho foi de discutir sobre as variáveis implicadas no processo de adaptação escolar de crianças com TEA na escola.

2. METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, a qual apresenta artigos relacionados à temática da adaptação escolar de estudantes com TEA. Desta forma, serão discutidos os artigos de Quintero e McIntyre (2011), Marsch e colaboradores (2017) e Fontil e colaboradores (2019).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) o TEA é um transtorno do neurodesenvolvimento, definido por déficits na interação, comunicação e comportamento que variam em níveis de intensidade de acordo com cada caso (APA, 2013).

Na área social e de comunicação, percebe-se dificuldades em iniciar, manter e responder interações sociais, seja de forma verbal ou não verbal, com pobre contato visual, uso limitado de gestos e expressões faciais, e em alguns casos, a linguagem verbal é afetada pelo uso de ecolalia tardia ou imediata (APA, 2013).

Os comportamentos apresentam-se de forma padronizada, através de estereotípias motoras, interesses restritos a determinados objetos ou atividades, inflexibilidade com as mudanças de rotinas e dificuldades para produzir comportamentos adaptativos frente aos estímulos capturados pelos sistemas sensoriais (visual, tátil, auditivo, gustativo, vestibular, proprioceptivo), caracterizados por hiper ou hiporreatividade aos estímulos sensoriais (APA, 2013).

Por apresentarem estas características que se torna relevante entender como ocorre o processo de adaptação escolar destas crianças.

O estudo de Quintero e McIntyre (2011) tinha por objetivo investigar as preocupações e envolvimento dos professores e das famílias diante da adaptação escolar de crianças com TEA e outras deficiências. Participaram do estudo professores e pais de 95 crianças com autismo e outras deficiências. Os professores do estudo relatam se preocupar mais com o período de adaptação das crianças com TEA, pois ao apresentarem déficits sociais e comportamentais podem exigir mais suporte neste momento (QUINTERO; McINTYRE, 2011). Porém, o estudo indicou que mesmo os professores reconhecendo que este período pode ser complexo para crianças com TEA, as práticas ainda não incipientes e pouco eficazes. Além disso, os professores apontaram que falta treinamento para implementar práticas individualizadas e facilitadoras deste processo. O envolvimento familiar também é limitado no processo de adaptação, justificado pela falta de tempo na maioria dos casos (QUINTERO; McINTYRE, 2011).

Marsch *et al.* (2017) através de uma revisão sistemática da literatura analisaram a prontidão escolar de crianças com TEA para o ingresso na escola, apontando que a presença de comportamentos disruptivos, dificuldades de autorregulação emocional, e os déficits sociais são fatores que potencializam a complexidade da adaptação escolar, refletindo no pouco engajamento destas crianças nas atividades escolares e com as relações com seus professores e colegas. Além disso, este estudo ressalta a necessidade de investigações voltadas para a implementação de estratégias para facilitar o processo de adaptação escolar (MARSCH *et al.*, 2017).

O objetivo do estudo de Fontil *et al.* (2019) foi de sintetizar a literatura sobre a transição escolar de crianças com TEA e outras deficiências. Com a combinação de estudos qualitativos e quantitativos este artigo conseguiu abordar diversos fatores do processo de adaptação escolar. Assim como os outros estudos apresentados, este também indica que crianças com TEA enfrentam diversos desafios nas transições verticais, como o primeiro ingresso na escola ou a transição entre educação infantil e ensino fundamental, como também apresentam dificuldades nas transições horizontais, como as mudanças entre os ambientes e pessoas da escola (FONTIL *et al.*, 2019).

Em relação aos professores, os autores constatarem que muitos não possuem formação e treinamento adequado e direcionado para o tratamento de



estudantes com TEA, principalmente para apoiar na adaptação escolar. Além disso, apresentam ideias equivocadas sobre o transtorno, como por exemplo, acreditar que o autismo tem cura e que práticas comportamentais eram ineficazes como intervenção para este público (FONTIL *et al.*, 2019).

Os professores relatam na literatura que o período de adaptação dos estudantes com TEA é marcado por aumento de estresse, esgotamento e altos níveis de desgaste emocional e físico. Eles também revelam que existe uma incompatibilidade entre as práticas que são baseadas em evidências para o autismo e as práticas que são implementadas na escola (FONTIL *et al.*, 2019).

Por fim, o estudo aponta os estudos nesta área tendem a se expandir, o que está diretamente ligado com as altas taxas de prevalência de crianças com TEA na escola.

4. CONCLUSÕES

Percebe-se que não há dúvidas que a maioria dos estudantes com TEA enfrentam um processo de adaptação escolar mais complexo se comparado à a crianças com desenvolvimento típico e até mesmo com outras deficiências.

A presença de comportamentos disruptivos e os déficits sociais são fatores que dificultam este processo para todas as partes e impedem que os estudantes participem e desenvolvam relacionamentos positivos no ambiente da escola (MARSCH *et al.*, 2017; QUINTERO; McINTYRE, 2011).

Acredita-se que o envolvimento dos professores e as práticas que serão implementadas são determinantes para o sucesso destas crianças na escola, contudo, os artigos apresentados revelam que os professores apesar de entender e vivenciar este processo conturbado, possuem pouco ou nenhum conhecimento sobre o transtorno e práticas possíveis de serem implementadas (FONTIL *et al.*, 2019).

Ressalta-se a necessidade de estudos voltados para a investigação de práticas que sejam eficazes e efetivas para a adaptação escolar de crianças com TEA, sobretudo, práticas baseadas em evidências .

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5**. Porto Alegre: Artmed, 2013.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: Grupo de Trabalho da Política Nacional de Educação Especial; MEC, 2008.

BRASIL. **Lei nº 13.146 de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília: D.O.U., 2015.

FONTIL, Laura; GITTENS, Jalisa; BEAUDOIN, Emily; SLADDECZEK, Ingrid. Barriers to and Facilitators of Successful Early School Transitions for Children with Autism Spectrum Disorders and Other Developmental Disabilities: A Systematic Review. **Journal of Autism and Developmental Disorders**. 2019.

QUINTERO, Nicole; McINTYRE, Laura L. Kindergarten Transition Preparation: A comparison of teacher and parent practices for children with autism and other developmental disabilities. **Early Childhood Education Journal**, v. 38, p. 411-420, 2011.

MARSCH, A.; SPAGNOL, V.; GROVE, R.; EAPEN, V. Transition to school for children with autism spectrum disorder: A systematic review. **World Journal Psychiatry**, v. 22; p. 184-196, 2017.